CRÍTICA · BLUES

River Rat Jimmy | Kelly Joe Phelps

Sob o pó da tradição, uma mente de jazz inquieta, pronta a mudar de rumo.

SJB SELECTION · NOVEMBRO 2026

A guitarra tem o passo do Delta: **slang, sleng**, uma nota que rasteja e deixa um rasto. O som é **áspero, escuro, móvel, poeirento e cortante**. Por trás está um músico que durante anos pensou como um jazzista: sob o pó da tradição aflora uma mente inquieta, pronta a mudar de estrada, como um rio que escava um novo leito na rocha.

River Rat Jimmy pertence a *Shine Eyed Mister Zen*, editado em 1999 ou 2000, conforme a edição. Antes de se afirmar na música roots, Kelly Joe Phelps dedicou cerca de uma década ao jazz. Ornette Coleman, Miles Davis e John Coltrane faziam parte do seu horizonte; depois, o encontro com bluesmen como Mississippi Fred McDowell mudou-lhe a direção.

A lap slide tornou-se uma das suas marcas mais reconhecíveis. A certa altura, porém, Phelps sentiu que essa técnica corria o risco de se tornar uma jaula e afastou-se dela. Em *River Rat Jimmy* ficam sobretudo voz e guitarra. A música é essencial, mas a narrativa não se deixa arrumar: Jimmy permanece opaco, a letra

avança por imagens e não oferece provas suficientes para o identificar como uma pessoa concreta.

Mais vale não procurar uma solução biográfica. Ouçam quanto espaço Phelps deixa entre as palavras. Jimmy pode ser uma memória, uma figura de balada ou uma sombra de pesadelo, como um rosto entrevisto pela janela de um comboio noturno. A guitarra evoca o country blues, mas a estrutura conserva a liberdade de quem conhece a improvisação moderna. A tradição não é uma vitrina: é uma terra a explorar, com trilhos que se bifurcam e desaparecem no nevoeiro.

> ***O que acontece ao country blues quando quem o toca continua a pensar como um improvisador de jazz?***

OUVIR

River Rat Jimmy — Kelly Joe Phelps — está na nossa playlist Acoustic Blues, Roots & Dust.

Kelly Joe Phelps. Atualizada todas as sextas. Escolhida de ouvido.